

Redação, Administração e Officinas
Largo de Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondência deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUBENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados
PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO 10\$000
SEMESTRE 6\$000
PAGAMENTO ADIANTADO
No preço de assignaturas para o exte-
rior ha a differença de porte do Correio

OS TARTUFOS A' JUSTIÇA

Com a resolução do Tribunal do Jury, os padres foram declarados criminosos — Porque não procede a Justiça contra elles? — Ficarã sem resposta a pergunta fatidica: Onde está Idalina?

A noticia do resultado do julgamento farça da fantastica mulher indicada pelos padres do Orfanato como raptora da infeliz Idalina, produziu no povo a intensa impressão que era de esperar, tanto pelo inesperado do acontecimento como pela sua evidente importancia na marcha desta campanha que ninguém sabe já quando terminará.

Este choque da verdade com a intrujice, da luz contra as trevas, esta batalha dos espiritos livres que se congloraram para a descoberta de um crime infame cometido por individuos tidos como abnegados sacerdotes de uma religião, ao redor dos quaes formaram quadrado todos os elementos reaccionarios da sociedade, transformando um delicto comum em uma luta de principios, volta agora a um novo periodo de actividade com terribes circunstancias aggravantes para os denunciados.

Quando em junho de 1907 o sr. Domingos Stamato, pai adoptivo de Idalina, foi retirada do Orfanato, onde tinha sido internada como orfã em companhia de seu irmão Sócrates, por sua ordem e com uma apresentação do padre Nunzio Grecco, foi-lhe dito pelos padres que já tinham-na entregue á sua mãe, uma tal Maria Luiza ou Itala Fonte.

Foi então que teve inicio a farça cujo desfecho apreciámos no dia 24 do corrente no Tribunal do Jury desta capital. A Justiça confirmou por um dos seus mais importantes orgãos o que vinhamos afirmando até aqui. E o publico que tem acompanhado esta campanha é disso fiel testemunha.

Não é certo que nós nunca cessamos de dizer, de demonstrar claramente que o rapto da pobre orfã não passava de uma insustentavel historia preparada pelos padres para justificar o seu desaparecimento e encobrirem o seu crime? Nós sempre o affirmámos com fortissimas razões, nós não nos cançamos de o bradar alto e bom som.

Mas a grande imprensa, por-se do lado dos padres, que oferecem sempre mais possibilidades de renda, e a Justiça só se moveu para nos perseguir.

Entretanto a nossa voz de protesto não deixou de ser ouvida até que um Tribunal se encarregou de dar a sanção legal ás razões dos modestos combatentes, que não recusaram já mais do cumprimento do seu dever, mesmo quando contra elles se congregaram os jornalistas venetas, a policia violenta e os magistrados parciais e apaixonados.

Quando a contestada familia adoptiva de Idalina de Oliveira della pedia conta, o que lhes respondiam os padres?

Já a haviam entregue á sua mãe. E quem era essa mulher? como se chamava? em que lugar se encontrava? onde estavam os documentos por ella apresentados?

Mil intrujices, vergonhosas mentiras eram trazidas á publico para sustentar a farça salvadora.

Mas a verdade sempre apparece. E' ahi temo-la agora forte e pura a demascarar os miseraveis criminosos que, acobertados pelo manto esfarrapado da caridade religiosa, vivem a embrutecer e a roubar a gente ingenua e ignorante.

Maria Luiza ou Itala Fonte é uma criação fantastica — disse-ram-no os jurados. Idalina de Oliveira não foi retirada do Orfanato Christovam

Colombo — affirmou o Tribunal do Jury em decisão unanime. Se Idalina não foi retirada do Orfanato pela inexistente e fregoliana mulher deve ainda lá estar. E se lá não se encontra, que fizeram della?

Sim, respondei-nos, ó farçantes: Onde está Idalina?

Agora foi tambem um Tribunal que vos desmascarou, foram doze cidadãos, inteiramente insuspeitos e considerados na sociedade conservadora, que deram o derradeiro golpe no vosso já cambaleante castello de cartas. A sociedade conservadora, pela voz de um dos seus orgãos leaes, sentença que as vossas affirmações são grosseiras mentiras, que a filha da desventurada Candida de Oliveira não foi retirada de Orfanato, theatro dos vossos delictos.

Se ella dahi não safu, deveis já, incontinentemente, apresenta-la á familia que a creou como a uma filha.

Idalina de Oliveira deve ser immediatamente entregue ao sr. Stamato. Só assim conseguireis desfazer as accusações precisas que contra vós foram levantadas. Idalina não apparece porque foi victima de um crime, de um desses hediondos crimes que constantemente são registados nos collegios clericales — é o que diz o povo.

São gravissimas as accusações que pesam sobre vós. E ellas só desaparecerão quando responderdes, grandes talsarios e mystificadores, á fatidica pergunta: Onde está Idalina?

Horribes são os crimes de que vos apontam como autores. Se não apresentaes Idalina é porque a pobre criança não conseguiu escapar á vossa lascivia de satyros devassos. E para occultar esse delicto fosteis levados a commetter um outro mais horroroso ainda.

Idalina, depois de servir de pasto á vossa lubricidade, foi assassinada quando pretendia fugir do vosso covil.

Quando foram feitas essas accusações? quem as denunciou? Todo o mundo o sabe. Fomos nós que as entregámos á Justiça e ao publico.

Ouvimo-las da bocca de ex-alumnos do Orfanato, que depois as confirmaram perante as autoridades em diversos interrogatorios.

Que importa que uma das testemunhas tenha depois desmentido as suas primeiras declarações? Por estas mesmas columnas foi denunciada a escandalosa pressão sobre ella exercida para obterem essa forçada retratação.

As intimidações da familia e de terceiros, o terror que lhe produziu no espirito todo o grande aparato da policia venceram-na.

Mas as suas accusações ficaram de pé a exigir um desmentido formal, documentado.

Basta de farças, mystificações e intrujices. O povo já está farto de tanta infamia.

Se aqui existisse uma imprensa menos pusillanime e venal e uma Justiça mais ciosa de sua independencia, os padres do Orfanato não continuariam a escarnecer impunemente deste povo tão paciente para com os que menos prezam os seus direitos.

Difficilmente em outras partes do mundo um facto tão escandaloso como a mystificação com que se quis fazer apparecer Idalina na pobre Maria Magdalena ficaria, como aqui, sem a devida punição.

Os padres do Orfanato Christovam Colombo são criminosos

confessos, incursos nos crimes punidos pelos art. 290 § unico combinado com o art. 291 do Código Penal.

Esses padres encarregaram-se da criação e educação de Idalina e sonegaram-na, deixaram de apresenta-la a quem de direito quando reclamada.

Que espera, portanto, a Justiça que não instaura, já, um processo contra esses criminosos? Ou reservaes toda a vossa severidade para ser applicada contra nós? E o povo o que faz, já não terá mesmo mais energia para fazer da sua justiça?

Calem-se todos, acovardem-se os juizes, silencie a grande imprensa, mas nós já mais cessaremos de reclamar Justiça, de apontar os criminosos ao povo, bradando bem alto:

ONDE ESTÁ IDALINA?

O que dizem alguns jornaes

A Gazeta da Tarde, o vespertino do Rio que desde o inicio da campanha sobre o caso Idalina tem se portado com louvavel independencia, assim se exprime sobre o julgamento da celebrada Maria Luiza-Itala Fonte:

«Um telegramma de hoje, de S. Paulo, dá margem a que ressurja na imprensa a pergunta — Onde está Idalina? — pergunta, aliás, que nunca saiu das consciencias honestas sabedoras do grande escandalo clerical de S. Paulo.

O jury paulista absolueu a tal mulher imaginaria, invisivel, inatingivel, Maria Luiza ou Itala Fonte, que o padre satyro director do recolhimento disse ter retirado a menor Idalina.

A parte o curioso do jury julgar uma pessoa ausente, coisa que aliás é perfeitamente judicaria, se bem que exdruçula, fica o caso de reunirem magesticamente em torno de uma mesa presidida por um jury togado, toda essa encenação de respeito e magestade, para julgamento de uma pessoa com dois nomes!

No caso de condemnação, a supposta raptora de Idalina iria para a cadeia com dois nomes? Não, dirá o jury. Perguntar-se-lhe-ia o nome real ao trancafi-la no xadrez.

Mas, se essa mulher é imaginaria, é forjada no conciliabulo clerical paulista? Se ella nunca existiu?

Ora... deixemo-nos de complicações hermeneuticas para deslindar o caso. O caso é simples. O clericalismo preparou esse jury, na certeza de que a abstrata ré fosse condemnada. Foi o diabo isso do jury absolueu a, pela negativa do facto principal, isto é, pelo rapto de Idalina.

Logo, repita-se a pergunta: ONDE ESTÁ IDALINA?

O Correo da Noite, que tambem foi um dos poucos diarios que tratou do caso Idalina com muito acerto, reproduziu detalhadamente dos jornaes de S. Paulo a noticia do julgamento do dia 17 do corrente.

A Republica, de Santos, publicou um vibrante artigo commentando o veredictum do Tribunal do Jury, artigo que reproduziremos em outro numero.

Continuam na 2ª pagina os commentarios sobre o caso do Orfanato.

Diante do forno crematorio



Que horror!... Queimar carne humana!

Diante da fogueira santa



Herejes! Fogueira com elles!

Orate frates!

Em todos os altares da matriz da Candelaria, do Rio, foram celebradas missas por alma dos soldados e populares mortos durante o bombardeio da Bahia, no dia 10.

Os bahianos, catholicos ferventes, como é, aliás, toda a gente que se preza, divididos em dois grandes bandos, ambos commandados pelos seus respectivos pagés, estão a batalhar feio e forte nas ruas da velha S. Salvador e a mandar para melhor muito dos seus conterraneos e alguns tambem que lá não nasceram.

Não resta duvida que algumas duzias de missas, de vez em quando, são necessarias em taes casos, sobretudo para a bolsa dos nossos bons e dignos reverendos, porque os mortos não tendo tido tempo, a maior parte, de pôr em ordem os seus negocios antes de deixar este mundo, estão com certeza á espera que os venham tirar do Purgatorio, que é assim uma especie de Colonia Correccional lá de cima.

Ainda não nos disseram, entretanto, si tambem por lá é de usança mandar-se cascar a marreca nos detidos, como fazem no feudo de S. Belisario, que é esta muito civilizada S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Quem se quizesse dar ao trabalho de penetrar nas respectivas jaulas das diversas delegacias da capital, com especialidade na da chefatura ali da rua da Relação, com certeza colheria dados interessantissimos para um estudo dos costumes e usos das boas almas que dirigem estes lugares.

Mas passemos e occupemo-nos de cousas mais transcendentales, como seja, por exemplo, a nossa eterna felicidade na mansão dos justos, que só se adquire com muita resignação e completo abandono de tudo neste valle de lagrimas; com muitas orações, missas, communhões, donativos, etc.

Parece que uma lanterna, enviada pelos catholicos fardados do forte do Barbalho, lá, quasi pondo em risco a Igreja da Sé Metropolitana e o palacio do arcebispo, que lhe fica contiguo. Por um huihuço que não tiveram a sorte do palacio do governo, limitando-se a cousa á destruição de parte da cornija do edificio,

Mas que susto devem ter passado os santos falantes e mudos que lá estavam e que se julgavam ao abrigo da metralha brutal e assassina com a protecção da cruz espetada bem alto, a corvar a torre como um para-raio!

Emfim, estão inteiriços todos os habitantes, dos santos lugares, porém o samba continúa a ferver com tal sustancia na terra de Castro Alves e Sabino Vieira, que faz honra aos promotores da festança, sim senhor!...

A dansa tende a esquentar ainda mais, segundo se presume, porque a mulata é sacudida e as bulhas que têm havido é sómente porque ha dois partidos, como nos circos de cavallinhos, que lhe disputam as vantagens e preferencias.

A proposito: quem sabe se não são os anarchistas que andam a dynamitar os jornaes e a querer ustiar o governador e seus amigos?

Estamos a apostar que são elles mesmos, porque da parte dos que vão á missa na igreja da Piedade e á festa do Senhor do Bomfim, que é a Penha ou a Apparecida de lá, não partiriam estes actos monstruosos, nem elles teriam cagado e matado a tiros soldados de policia, leaes e dedicados mantenedores da ordem publica, que se tinham lançado ao mar no proposito de banhar-se, com certeza por effeito dos grandes calores reinantes...

A averiguar, portanto, fica incumbido disso o revmo. conego Galvão que vai commandar, dizem, o terreiro em que dançam os grupos e que sahirá, estamos certos, com galhardia da difficil tarefa.

Tambem não seria máo que mandassem rezar mais algumas grozas de missas nas vinte e tantas Igrejas locais e de todo o país. Isto não faria mal nenhum ás algibeiras de sa. reverendissimas e á bolsa de S. Pedro.

Ah! os bons filhos... de Deus!

Adrecai.

Rio, 29 de janeiro de 1912.

Carolismo habitual e inveterado — cura-se com a divulgação da Lanterna.

SERMÕES AO AR LIVRE



A imprensa franceza occupou-se recentemente de um caso interessante. Um rico proprietario de Bar-sur-Aube, certo Gastão Vinchou, foi como perigrino a Lourdes e taes coisas ouviu dos padres, que, ao regressar á sua terra natal, despiu-se e atirou fora, pela portinhola do vagão, uma carteira recheada com duzentos mil francos, gritando que queria despojar-se dos seus bens para seguir a divina palavra de Christo.

A opinião geral foi que o pobre rico enlouquecera — e, naturalmente, os padres foram da opinião geral. Louco! evidentemente louco! Porque o desgraçado não percebera patavina dos ensinamentos e exhortações dos representantes de Deus.

Despojar-se, sem dvida, era christão, era o mais nobre dos gestos e a mais alevantada das acções. Era o sacrificio grato a Deus, a humilhação que merece e chama a celestial recompensa. Despojar-se, sem dvida, mas utilmente: a carteira que voou, esteril e vã, lançada desdenhosamente ao vento fugitivo da marcha, deveria ter caído no regaço misericordioso dos levitas. Dar aos pobres e emprestar a Deus. Juro: cento por um e a vida eterna. Um verdadeiro thesouro... no céu, segundo os Evangelhos.

O nosso Vinchou estava, pois, comprovadamente louco. Se não, teria piedosamente imitado aquelles que, em tempos medievales, annunciando-se o fim do mundo com a vinda de um cometa, doavam, em tal previsão, todos os seus bens aos conventos.

— Que mentecaptos! Acabado o mundo, acabariam os frades... — direis vós.

E' que vós sois herejes e não padres.

Leno Vaz

OS JESUITAS

ACTIVIDADE JESUITICA NO BRASIL

Os jesuitas vieram ao Brazil sob o pretexto de propagar a fé pelos autoctones, e espalhar a instrução pelos colonizadores. A catechese e o rigoramento da religião foram, portanto, as causas apparentes que determinaram a vinda dos jesuitas ao Brazil; entretanto os factos e a logica das cousas provam que os pretextos dessa causa apparente cedem diante da flagrante causa real, que foi a exploração. Os jesuitas não vieram ao Brazil cuidar da catechese; vieram explorar as riquezas escondidas no seio virgem das nossas selvas seculares; o jesuita não penetrava no interior das nossas matas umbrosas, para espalhar o Evangelho pelos selvagens; elle penetrava nas nossas selvas para fazer o ouro, as pedras preciosas, as infinitas riquezas, emfim, que se escondiam no interior de nossas grandiosas naturezas.

Antuocios, cheio de ardor e de reconditas hypocrisias, o jesuita veio desorientar a natureza brasileira, de que se diziam maravilhas no velho mundo; e, sempre no seu programma de operarem na sombra, elles desenvolveram todos os segredos, farrasam todas as missas, inquiriam de todos os inagotaveis thesouros espalhados pelo nosso solo e sub-solo; e de tudo elles informavam minuciosamente para Roma, ao seu geral, o terrivel papa negro que tinha, na cidade eterna, as suas obliquas vistas espalhadas por toda a terra.

Foi isso que trouxe o jesuita ao Brazil, país novo e desconhecido; foi isso que levou o jesuita ás mais remotas paragens do planeta. Para manobrar a sua tenaz e empolada e desviarem as atenções do povo, elles se mostravam sollicitos pelos trabalhos do que elles chamavam a catechese.

Os fibusteiros hespanhoes, flamengos e francezes, que infestavam a nossa costa, para contrabandearem o picu brazil, a cobigada ibirapitanga, — tambem usava das artimanhas pias em prestio pelos jesuitas, com o queos tinham as maiores affinidades, pois que simulavam os verdadeiros

com que vinham a estas paragens, segundo que se occupavam em vistas de exploração!...

A preocupação dos jesuitas consistia em construir os seus «collegios». Levantaram elles grandiosos edificios na Bahia, no Espirito Santo, S. Vicente, em S. Paulo e no Rio de Janeiro, — saudades pela sua obra devoradora de se tornarem, por da a parte grandes proprietarios.

Antes que puzessem em pratica os seus brandos, naturalmente aconselhados pela religião para atrahir os indios, os jesuitas commetteram insuportaveis brutezas e crueldades contra os pobres selvagens. Assim foi que approvaram o deshumano procedimento de Pero de Góes, o malentendido donatario da capitania de Thomé, o qual mandou fuzilar, á boca de um canhão, dois indios que eram apontados como autores do ataque e morte de quatro colonos que, na Bahia, se havia internado no matto, a tempo de Thomé de Sousa!

Esse primeiro ensaio do systema do terror, diz Varnhagem, os proprios dres da Companhia, começando por Nobrega, julgavam, de boa fé, que era o mais conveniente para a sujeição dos adultos!

Que a catechese não foi feita pelos seus brandos e suavios, mas sim pela violencia physica, prova-se pela simples leitura da correspondencia dos jesuitas. Nobrega escreveu a Thomé de Sousa (vide «Annas do R. de J.» Balthazar Lisboa), uma carta em que dizia: «Em mentes o gentio não se humilha por guerra e sogeito, mas o fazem os castelhanos nas terras que conquistam, e no Paraguay foram, com muito pouca gente, aterrorizando o maior gentio que ha na terra... E se o deixam em sua liberdade e vontade, como é gente brutal, não se faz nada com elles, como por experiencia vimos todo esse tempo com elles tratamos, com muito trabalho, sem delle tirarmos mais fruto que poucas «mas innocentes que se cegos mandamos.»

De igual opinião (vide Porto Seguro, «Historia Geral do Brasil», era o sr. Rui Pereira, que applaudia o sr. de Sá, governador, por haver deixado de seguir pseudo philantropias com os indios: «Agradou grandemente a esta conversão, cair o sr. governador na conta, e assentar que em tempo não se podia fazer fructo.» Anehieta (Porto Seguro, «Ibidem») escrevia pouco depois que haviam projectado fazer a guerra aos indios contrarios: «para que pudessem viver em alguma paz e socego, e juntamente começassem a abrir algum caminho para se poder pregar o Evangelho, assim aos inimigos como a estes indios, sobre os quaes já temos sabido que por temor se dão de converter mais que por amor.»

Antonio Vieira, a Syrus do firmamento jesuita, e tão apregoado defensor dos barbaros, no dizer do pai da nossa historia, — escreveu do Pará, em carta datada de 14 de dezembro de 1655, dirigida ao secretario de Estado, Pedro Vieira da Silva, dizendo de André Vidal, a quem teo elogios, havia disposto umas tropas, que ao de ir ao sertão, do que esperamos primeiro a quietação e a paz, e de lá uma grande conversão de almas.»

Não foram, portanto, a musica e a lingua somente, os meios empregados pelos jesuitas para atrahir os selvagens ao gremio catholico, porquanto, si é verdade que Nobrega fez de appelo no meio das nossas salvas, e apellidava Navarro dançou o peocá e a loba dos pagés, não menos verdadeira é tambem que os chupões e os arbutos derramaram o terror e a morte entre a destimida cabocada.

Entretanto os pobres indios amam tanto as cantorias, que pediam os jesuitas para lhes bizarem, fóra das cerimoniaes, o seu horrisono canção, prova de que não eram tão adreudados como os pintaram os jesuitas.

O fim que levava os padres a exaggerarem as insummissões do selvagem, era encorajar o seu trabalho de catechizadores, pintando phantasticos perigos a que estariam expostos, — para mais se recomendarem ao apoio e protecção dos reis.

Prova-se a mansidão dos indios em o proprio testemunho dos jesuitas. Escrevia Rui Pereira, padre da Companhia, em 1650: «Está a terra pacifica que não somente os brancos vão muitas leguas por ella dentro seguros, mas um indio daqui, indo ao encontro dos contrarios, tornou sem se fazer mal!»

E' facto de todos sabido que a rompedora do jesuita exercia uma estranha influencia nas tabas. Cunhambé, o trocatorio que dominava as costas do Rio de Janeiro e de S. Vicente, sendo implacavel inimigo dos portugueses, seccion sempre os jesuitas fazendo-lhes concessões, nos seus feudos. Esses factos e outros denotam em os comparas de Loyola estavam em seguros de que nada lhes succedaria. Factos como o sacrificio do primeiro prelado, o bispo Sardinha, margens do rio S. Miguel, este colado nas paginas da historia patria.

Entretanto era preciso imperar pelo terror, abrir brechas nas selvas com os falções, as bestas, os berços e as sagais.

Em carta dirigida a Thomé de Sousa, disse Nobrega, em 1650, que as guerras havidas com a desventura de Alvaro da Costa, filho do segundo governador geral, e o bispo Sardinha, «mais danno fzeram na terra que as guerras que se fzeram com gentio...»

Nessa mesma carta, disse ainda Manoel da Nobrega: «E da guerra bem dada ou mal dada sobre (Nosso Senhor) tirar esse bem que os indios possuem enjitados e medrosos e dispostos para agora receber o Evangelho e a doutrina de Christo.»

O mais serio terro soffrido pelos indios, foi o aprisionamento e desamarramento da frota em que vinham o governador nomeado, D. Luis Fernandes de Vasconcelos, o provincial Antonio de Azevedo e mais 60 jesuitas. Não foi isso, porém, obra dos indios, mas sim das consas hu-

manas Jacques Sore e João Capdevilla.

Os jesuitas fomentavam discordias por onde passavam; e bem conhecida é a luta que elles mantiveram com João Ramalho, por causa de rivalidades entre a povoação de Piratininga, que elles fundaram, e a villa de Santo André, de que era alcaide-mór o velho portuguez.

Os dois lados se constituiram beligerantes, até que Mem de Sá decidiu o pleito a favor dos jesuitas, ordenando a mudança da villa para onde estava o collegio dos «padres». O governador foi levado a isso, diz Porto Seguro, pelas insinuações que lhe fizeram os jesuitas, pretextando maior segurança contra phantasticos ataques dos selvagens!...

Entre governador e jesuitas ficou então decidido que se faria guerra aberta aos indigenas contrarios; e, para juntar a execução ao plano, foi

logo preparada uma expedição que subiu o rio Tieté, e foi levar a guerra aos miseros caboclos, pacificamente interdiados no meio das suas florestas, no mais profundo dos nossos sertões.

Na Bahia já haviam sido tomadas agaves medidas, e Anehieta, noticiando esse grande feito, escreveu dizendo: «Esperamos em Nosso Senhor, pois este é o remedio com que esta brava geração se quer... não tenhamos inveja aos da Bahia.»

A historia está, pois, cheia de exemplos frisantes, que mostram a bontez com que os padres da Companhia de Jesus trataram aquellas que se propunham chamar ao gremio da religião.

Em outro artigo citarei novos factos comprovantes da crueldade dos jesuitas.

Mucio da Paixão.

O Orfanato & C. no pelourinho

Inquerito que não apparece — Medo de fiasco? — O Estado subsidiando criminosos — Nós é que somos processados... — O padre Faustino é candidato — Palavras de animação.

E o inquerito da policia?

Sim o afamado, o tão apregoado inquerito da policia sobre o paradeiro de Idalina e a mystificação com que se apresentou Maria Magdalena como a pobre orfã, porque não foi ainda enviado ao juiz competente?

Nem os nossos leitores se recordarão de tal inquerito. Talvez mesmo a policia delle não se lembrará mais...

Pois procedamos á sua exhumação.

Quando Orestes Ristori e Edgard Leuenroth levaram ao conhecimento do juiz dos menores a denuncia do crime de que Idalina tinha sido victima, a policia, por determinação desse magistrado, abriu um inquerito, do qual foi encarregado o dr. Pinheiro e Prado.

Como se portou essa autoridade? que resultado deram as suas pesquisas?

E' o que vamos ver.

Passados muitos dias após a denuncia, o inquerito foi iniciado com as declarações dos denunciadores, dos ex-alumnos do Orfanato que tinham fornecido as informações e de outras pessoas. Quando já era publico e notorio o inquerito, aberto em segredo de justiça, quando os padres, inteirados do que se passava, tinham tomado as suas providencias, é que o dr. Pinheiro foi ao Orfanato!

E todas as diligencias foram assim concluidas.

As escavações feitas para a descoberta do corpo de Idalina é que foi de um comico irresistivel. A policia rodeou esse acto de um aparato carnavalesco para depois conseguir desenterrar... uma caveira de burro...

Foi uma bella fita...

E assim continuou o dr. Pinheiro. Passaram se os mezes. A agitação continuava cá fóra quando estoira o caso da mystificação.

Idalina, a procurada Idalina apparecia em S. Paulo, ali no n. 7 da rua Direita. Era ella em carne e osso. As alumnas do Orfanato reconheceram-na, os empregados tambem, o padre Faustino abraçou-a e o dr. Arthur Pinheiro e Prado lançou o auto de sua identificação.

Mas nós desmanchamos a festa. A Idalina da rua Direita não era a Idalina de Oliveira e sim a Maria Magdalena, filha do Custodio e da esqueletica Maria Luiza Belloni.

Tableau!... O castello derruiu-se e todo o mundo continuou a perguntar: Onde está Idalina?

Foi por essa occasião, que, em consequencia de um reboliço qual quer havido na policia, o dr. Pinheiro resolveu lançar á luz o seu abortivo. Appareceu então a introdução do inquerito. A tarefa era ardua e demandava tempo para ser levada á cabo, por isso apparecia apenas uma parte das tres em que tinha sido devida a peça policial.

A parte publicada e remetida á autoridade judiciaria é a que se refere ao crime commettido pelos padres. O dr. Pinheiro concluiu pela insubsistencia da accusação, pois «tinha ficado provado o rapto de Idalina pela tal Maria Luiza-Itala Fonte». Todo o relatório basea-se no rapto de Idalina.

Nós destrinchamos immediatamente essa ridicula peça policial num longo artigo intitulado — Autopsia de um relatório.

As outras duas partes ainda não appareceram. O dr. Pinheiro

e Prado não resolveu até agora tornar conhecido o restante de sua obra prima.

Decididamente, o caso do Orfanato está destinado a patentar a incapacidade da policia, a sua absoluta incompetencia, assim como a escandalosa protecção que dispensa aos criminosos de alto coturno.

E' esta uma accusação mal fundada ou injusta? Não, pois ahi estão os acontecimentos a nos amparar fortemente.

O inquerito sobre um caso de tanta importancia não teve até agora a aventura de merecer o cuidado do activissimo delegado. E o incensado Secretario da Segurança Publica nem sequer se dignou dispensar-lhe a sua attentão.

Simplemente vergonhoso!

Tambem não nos deve isso escandalizar. Depois do tremendo fiasco da primeira parte do tal inquerito, é natural que o dr. Pinheiro receie apresentar os outros actos da pochade...

A primeira pateada atordou-o... E a mystificação? Quem a preparou? quem são os seus autores? O publico não precisa saber de tal coisa...

E o paradeiro de Idalina? que fizeram della os padres?

Ora... ora... Que tem o povo com isso?

E' assim que respondem os srs. da policia.

Que nos importa, entretanto, a protecção dispensada por ella aos padres criminosos, quando o povo já deu a sua sentença?

Quem não estará convencido de que a mystificação foi preparada pelos padres?

Não veiu agora a Justiça desmascarar os padres e a policia, que os defendeu com o relatório do dr. Pinheiro, ao qual elle *provou* o rapto de Idalina pela bella-feia, suja-limpa, branca-mulata Maria Luiza-Itala Fonte?

E quanto nos basta.

Da culpabilidade dos padres não resta já a menor duvida. E a policia defendendo-os defende a sua gente...

A nós, o povo cá de baixo, cabe o dever de não os poupar. E é por isso que, cerrando fileiras, aqui nos encontramos a cuspir-lhe na cara deslavada, exclamando como sempre:

ONDE ESTÁ IDALINA?

O Estado subsidia o Orfanato

Quando era mais intensa a agitação na primeira phase desta campanha, o governo do Estado, pelo seu organ legislativo, compoesto de um bando de estropiados ratões de sacristia, reformou o subsidio concedido ao Orfanato, augmentando-o consideravelmente.

Foi como um desafio lançado aos liberes pelos clericas de batina e de casaca.

Quizeram os commendados da Igreja, empoleirados na governança do Estado, demonstrar o seu soberano desprezo pelas reclamações partidas do publico, da ralé, da canalha desclassificada, segundo a sua aristocratica classificação, patentendo assim a sua incondicional solidariedade com os padres criminosos e toda a clericalha que os defende.

E note-se que dias antes dessa resolução dos poderes do Estado havia o governo italiano, por indicação do seu consel em S. Paulo, suspenso o seu subsidio ao famigerado asylo!

Edificante!

Entretanto outra coisa não ha a esperar de semelhante gente. Quando as repartições do Estado estão transformadas em antecamaras das confrarias religiosas e as sacristias se tornaram salas de despacho do governo, tal procedimento não pode deixar de ser de uma logica irrecusavel.

Estará proximo o dia em que havemos de ver D. Leopoldo a presidir a confraria legislativa da praça Dr. João Mendes...

Para lá caminhamos nós a passos agitados.

Os politicos mais em evidencia figuram em todas as irmandades religiosas. Na lista dos encarregados da construcção da nova cathedra salientam-se as douradas firmas de graduados funcionarios que sobem em grau ascendente até sua rev. o presidente do Estado.

Que ha, portanto, de estranhavel no facto do Estado manter, consideravelmente augmentado, o subsidio a um orfanato clerical onde se maltrata, se martyryza, se estupra, se assassina a infancia?

E' que nos orfanatos só se abrigam os filhos do povo, da canalha, da ralé...

E o povo, a ralé, a canalha não defenderá os seus filhos?

Os nossos processos

Enquanto os padres estuprodores e assassinos, dispondo da protecção escandalosa das autoridades, passeiam arrogantemente pela cidade, nós, que provamos os seus crimes, nós, a quem o Tribunal do Jury acaba de dar razão, estamos sendo processados e talvez tenhamos que ir occupar na prisão o lugar dos criminosos do Orfanato.

Pesam sobre nós tres processos, dois provocados pela policia e o que nos movem os padres do Orfanato.

Em consequencia das violencias commettidas pela policia no comicio do dia 12 de março do anno passado, foi instaurado contra nós o processo, de que nos livramos pela despronuncia. O sr. Washington, não se conformando com este acto de independencia do dr. Gastão de Mesquita, ordenou que o promotor recorre da sentença. O Tribunal de Justiça reformou-a então, pronunciando o dr. Passos Cunha e Orestes Ristori como autores dos ferimentos leves de que foi victima um individuo no mencionado comicio.

Devem, pois, os nossos amigos ser julgados pelo Tribunal do Jury.

Não contente ainda com esse resultado, ordenou novamente o nosso Trepoff-mirim uma outra sentença do Tribunal. E nós cinco, os dois amigos já citados e José Romero, Alexandre Cerchiai e Edgard Leuenroth, foram pronunciados como incurso nos artigos que punem o ajuntamento illicito.

A primeira audiencia desse processo realizar-se á na semana proxima.

Finalmente, o processo dos padres criminosos do Orfanato já correu os seus tramites legais e encontra-se agora nas mãos do juiz, que deverá dar a sua sentença.

Seremos pronunciados ou não? Veremos. Entretanto, se a sentença do julgamento de Maria Luiza ou Itala Fonte fosse outra, não hesitaríamos em responder.

A candidatura do padre Faustino

O padre Faustino é candidato á presidencia do Estado. Sim, senhores, o padre Consoni em 1.º de maio será solennemente empossado no cargo de presidente de S. Paulo, para o qual será eleito por uma maioria esmagadora.

Não se riam porque é serio.

Nós levantamos a sua candidatura e havemos de sustenta-la até a victoria final, que vai ser estrondosa.

Para essa grande iniciativa pedimos o apoio de todos os anticlericases.

Vamos ter uma excellente oportunidade de demonstrar a nossa força, a pujança do nosso partido. Pela eleição de 1.º de março teremos occasião de mostrar que somos uma potencia.

No proximo numero entraremos em mais detalhes.

Entretanto, desde já gritamos: Anticlericases, á postos! Suffraguemos o padre Faustino Consoni, o homem mais digno de acatar

mento, mais puro, mais honesto desta terra, para presidente do Estado!

Têm a palavra os nossos amigos.

Declarações de solidariedade

Desde o inicio desta campanha não nos tem faltado o apoio decidido dos nossos dedicados amigos, dos bons correligionarios e de todos os homens de consciencia emancipada.

Nos momentos em que a furia reaccionaria caia sobre nós, tivemos los ao nosso lado a ajudarnos, a sustentar a nossa obra ameaçada.

As demonstrações de solidariedade de que fomos alvo nos encheram ainda de maior entusiasmo pela luta que estamos sustentando.

E agora, nesta nova phase desta batalha interminavel, de toda a parte já nos começam a chegar palavras de animação dos nossos companheiros de luta.

E para prova disso vamos começar hoje a registrar aqui esses protestos animadores:

TELEGRAMMA:

«Villa Raffard, 30 — 1 — 912 — Felicitos-vos por mais esse triumpho alcançado. — Duarte Nunes.»

CARTAS:

«Campinas, 29 — 1 — 912 — Felicitando-vos pelo triumpho alcançado, pergunto: Onde está Idalina? — Angelo Soave.»

«Porto Feliz, 29 — 1 — 912 — Dou os meus parabens pela victoria alcançada não só a essa digna redacção como aos srs. Benjamin Mota e Orestes Ristori, assim como a todos os que têm trabalhado pela descoberta do crime de que foi victima a pobre Idalina e de que são autores os santos ferozes do Orfanato Christovam Colombo.

O assassinato da infeliz orfã está mais que provado e esse crime não pode deixar de ser punido.

Se as autoridades competentes, agindo dentro da lei, não tratarem de punir os criminosos, é indispensavel que surja uma geral agitação para escorraçar toda essa corja que infelicitou o nosso Brasil.

E' um vergonhoso escandalo o que se está passando. Sem a punição dos padres criminosos o Estado de S. Paulo não se póde considerar civilizado.

E' justo, pois, que continuemos a interrogar: Onde está Idalina? — Antonio Viterbo de Oliveira.»

Os bens de Ferrer

Como é sabido, o tribunal que condemnou Ferrer ordenou tambem a confiscacão dos seus bens. Agora, depois da incessante agitação internacional que tem sido feita, parece que o conluio clerico-monarchico da Hespanha se resolveu abrir mãos dos cubiçados haveres do grande martyr.

Pelo menos é o que nos diz o telegramma seguinte:

MADRID, 28 — O Supremo Tribunal Militar de sentença mandando que os bens moveis e imoveis de Francisco Ferrer, executado ha tempos, sejam restituídos a seus herdeiros legitimos.

Contra essa resolução protestou no senado um tal de Polo, que voltou a pedir a confiscacão.

Fala-nos disso este outro despacho:

MADRID, 29 — Na sessão de hoje do senado, o sr. Manuel Polo e Peyrolon voltou a pedir ao governo a confiscacão dos bens de Francisco Ferrer, o fundador da «Escola Moderna», a cujos herdeiros o tribunal militar os mandou entregar ha dias.

O sr. Celedonio Rodriguez y Vallejo, ministro das finanças, respondendo ao sr. Polo y Peyrolon, declarou que o governo vai primeiro estudar minuciosamente a questião, para verificar se ha ou não conveniencia em confiscar os bens de Ferrer.

Esse sujeito deve pertencer a alguma confraria religiosa que de-sejava abocanhar os referidos bens.

Se for verdadeira a noticia da restituicão, teremos dentro em breve reencetada a obra fecunda da Escola Moderna de Hespanha.

Jesuitismo agudo — cura se com duobas da Lanterna.

Portugal proletario

OS DESTINOS CONTRADITORIOS DE UM PALACIO HISTÓRICO — ONDE SE FORAM ANINHAR OS OPERARIOS SINDICALISTAS — DO ABSOLUTISMO AO FEDERALISMO LIVRE — ONDE SE VÊ A ACÇÃO DIRECTA DOS TRABALHADORES EM GRACIOSA CAMARADAGEM COM A MITOLOGIA E COM A HERÁLDICA! — UM BELO EXEMPLO DE INICIATIVA — SOBRE A GRANDE AGITAÇÃO ACTUAL.

Fui ha dias visitar o palacio do illustre ministro de D. José, que fica ali na rua do Século. Para ruminar recordações historicas? Não, senhores: para ver as novas e magnificas installações da União dos Sindicatos de Lisboa, das associações a ella afiliadas e de três jornais operarios que defendem essas sociedades e as tendencias que as orientam!

Os sindicalistas em casa do Marquês de Pombal! Quem o havia de supôr!

Os lutadores pela mais larga emancipação politica e economica, os adeptos do federalismo economico, alojados no nobre palacio do engrandecedor da régia potestade! O mesmo tecto a abrigar tão opostos principios e tão contrarios interesses — com dois seculos de intervalo!...

Confesso que foi esta singular ironia do tempo que contribuiu para apressar a minha visita, não tendo podido aliás assistir á solemne inauguração, na entrada do novo anno.

Subo a imponente escadaria nobre, em dois lanços, iluminada pomposamente a candelabros — de lampadas electricas, porém... Viva o progresso! No primeiro patamar, sobre uma estátua de Venus, a famosa maxima, em caracteres enormes: «A emancipação dos trabalhadores será obra dos mesmos trabalhadores». Gracioso, saboroso contraste!... Depois, no alto do segundo lanço, ha uma estátua de Hércules — agora certamente simbolizando o Hércules do trabalho! — e á direita, ao lado de um brasão, a porta de entrada. E são, em dois andares, vastos salões para assembleias e conferencias, redacções, secretarias, o gabinete de leitura, o bufete, a escola. Das janellas traseiras avista-se, a casaria amontoad e recortada de um dos bairros desta irregular Lisboa, com o Tejo a rebrilhar ao fundo; e dentro, bordando as salas, ha velhos azelejos com desenhos nobiliárquicos...

Os operarios percorrem as salas, sorridentes e satisfeitos. Sorriem á fina ironia do destino e estão satisfeitos pela viteria considerada do seu valente e rápido esforço — um verdadeiro prodigio de iniciativa, para um meio tão pobre e para uma instituição tão nova!

Neno Vasco.

Noticiando a actual agitação do proletariado portuguez, a grande imprensa affirma que ella foi promovida de accordo com os reaccionarios.

E' uma infame calumnia.

Foram os trabalhadores que mais contribuíram para a implantação da republica, foram os operarios de ideias avançadas os mais detemidos combatentes da revolução que a proclamou.

As declarações dos seus jornaes são positivas no desmentido a essa affirmacão calumniosa.

«Nós, que combatemos pela derrocada da monarchia clerical não permittemos na sua restauração, — disseram sempre os trabalhadores.»

E os nossos leitores disso se convencerão quando aqui estarmos essas declarações.

Protestamos, pois, da nossa parte contra essa calumnia miseravel atrada a quem está distante.

As assignantes da S. Paulo

O nosso companheiro E. Remoso está procedendo á cobrança das assignaturas da Capital.

Chamando a attenção dos amigos de S. Paulo para as grandes dificuldades que offerece esse trabalho numa grande cidade pedimos-lhes que procurem poupar-lhe as viagens inúteis, deixando em casa a importancia de suas assignaturas as que não possam ser encontradas com facilidade.



Uma pomposa manifestação clerical - Vivas equivocados a D. Manuel e protestos inequívocos do povo - Os funcionários devem fidelidade ao regime, diz um deputado - A Câmara enfraquecida ou medo às responsabilidades? - Os pequenos continuam a rejeitar com o castigo dos grandes - Um terrível ultimatum em perspectiva - De que modo se teme o próximo rompimento de hostilidades - Apela-se para a pacificação e projecta-se uma grandiosa manifestação anticlerical - O voto de todos os inimigos da Igreja.

LISBOA, 7 DE JANEIRO

Não se pode ainda largar a questão dos bispos e das cultuais, a qual, se não chegou a um período agudo, atravessa entretanto um momento de acentuada vivacidade.

No dia de anno bom, alguns priores da capital e o cabido da sé foram ao paço patriarcal de S. Vicente ler uma mensagem de acatamento e simpatia ao patriarca, que dois dias depois devia tomar o caminho do exílio... num distrito próximo. A recepção solene do dia, quasi á mesma hora em que o presidente da Republica também recebia solenes homenagens, concorreram alguns funcionarios publicos, professores, officiaes do exercito e da marinha, entre elles alguns generais e um vice-almirante, juizes, etc., além da fina flor do clericalismo privado, se assim posso exprimir-me.

Ouvindo dentro vivas anti-republicanas a Paiva Couceiro e a D. Manuel (o secretario do patriarca afirma agora que só os houve a D. Manuel... Vicieira de Matos, bispo da Guarda, um dos punidos), o elemento popular, que se acumulava na rua, irrompeu pelos claustros, saudando ruidosamente a Republica e abafando as vozes clericais, apesar da rude opposição policial.

No parlamento, um deputado, interpellando o governo sobre o caso, pediu a demissão, com perda de vencimentos, de todos os funcionarios que haviam tomado parte naquella manifestação de evidente caracter politico, significando um protesto contra uma determinação ministerial e contra uma lei da Republica. Podiam os clericais manifestar o seu affecto ao patriarca, no uso de um direito: mas que funcionarios publicos e até officiaes fardados, vão ostensiva e colectivamente mostrar os seus sentimentos hostis para com as leis e o regime, isso nenhum Estado constituido o pode consentir. Doutrina manifestamente lógica...

A camara, não acedendo inteiramente aos desejos do deputado, confiou todavia no governo para a adopção das medidas apropriadas.

Os funcionarios manifestantes foram, pois, chamados á conta pelos seus ministerios respectivos. Alguns foram convidados a publicas declarações pela imprensa.

E assistiu-se a um gracioso espectáculo. Um diario clerical e legitimista publicara uma longa lista de manifestantes. Alguns particulares desmentiram logo nos jornais, que tivessem estado no paço patriarcal; um é anticlerical e nunca sonhou em ir lá; outro estava numa terra distante da provincia. Quanto aos funcionarios, uns não estiveram lá; outros foram dias ou horas antes, praticando um simples acto de cortesia ou de velha amizade; outros mandaram apenas cartões, como em anos anteriores; outros foram, como em iguaes datas passadas, sem saber que havia manifestação. O jornal clerical aproveitara tudo. E triumphava jubilosamente:

«Foi um vibrante protesto contra a inqualificavel afronta feita ao chefe da Igreja lisboense.»

«Ninguém, absolutamente ninguém, conseguiu minorar o alto significado desta brilhante manifestação que teve, para que o occultamos, valor dum momento pro-testo.»

Protesto contra o regime? Não! — respondem dois officiaes de marinha, os mais ouvidos até hoje, — apenas respeito e dedicação á religião católica e

ao patriarca, mágoa e tristeza pela penalidade imposta.

Não! — acode ainda, no seu depoimento no governo civil, o secretario do patriarca, cônego Pontes, em cuja opinião, muitas das pessoas que foram ali o fizeram apenas por, mero dever de cortesia, e outras impulsionadas, não por demonstração de protesto contra o regime, mas por um dever de solidariedade para com o seu prelado.

Ou medo às responsabilidades, muito acentuado no alto functionalismo e na alta roda, ou exploração de clericais, exagerando os factos para as conveniencias do seu prestigio, ou um pouco de ambas as coisas, a famosa manifestação vai perdendo muito do seu brilho.

Em todo caso, se de tudo isto não advir punição alguma para graúdos e graduados, os elementos populares urbanos, sem os quais qualquer regime está á mercê do mais ligeiro golpe e da primeira aventura, não ficarão certamente satisfeitos, ganhando mais terreno a ideia já admitida de ser a «justiça» dura apenas com os pequenos...

Nesta questão dos quatro mirrados punidos — são já quatro, visto ter o bispo do Algarve seguido o exemplo dos outros três — o povo está sinceramente contente, primeiro porque, sendo inimigo dos padres, applaude qualquer especie de anticlericalismo, sem olhar a métodos e processos nem discutir theorias; segundo, porque vê a «justiça», embora enluvada e cheia de atenções, cair, ou antes pousar levemente sobre os ombros altivos de elevadas personagens. Vê-se assim com satisfação íntima e regalado jubilo um ministro «de pulso» «dar-lhes para baixo».

— Naqueles, sim, é que é dar-lhes!

Era o espirito que animava ontem os comentarios feitos pelos grupos postados diante dos placards dos jornais ao telegrama chegado á noite de Paris:

PARIS, 6 — O «Matin» insere um telegrama de Turim, dizendo que o Vaticano enviou ao presidente da Republica Portuguesa um ultimatum, em que pede seja revogado no mais curto prazo, o decreto de expulsão dos bispos, declarando que, no caso de recusa, fará retirar de Lisboa o seu representante diplomatico.

E' de prever que as relações entre o Vaticano e o governo português sejam quebradas, porque, certamente, Portugal não anuirá ao ultimatum. — S.

— Era o que faltava! exclamava-se. Largar os bispos! Aquelles é que merecem mais! E ainda é pouco! Olha a grande perda, se nos tiram o nuncio! Que vá... que vá... e quanto antes! Acaba-se tambem com a legação junto do Vaticano — aquelle escandalo! E' tudo ganho!

E ria-se gostosamente do caso, faziam-se pilhérias sobre o ultimatum...

Ha mesmo uma certa efervescencia e tudo faz prever o exito grandioso da proxima manifestação projectada pela Associação do Registo Civil, como réplica á parada de S. Vicente...

No Porto, as comissões republicanas tomaram igual decisão e outras localidades secundario este desdobramento de forças liberais.

Que a proxima manifestação seja, como é de esperar, uma imponente afirmação de forças anticlericais — eis sem duvida o sincero desejo de todos os inimigos da Igreja, quaisquer que sejam as reservas feitas sobre determinados pontos da lei de separação e sobre a attitude do Estado.

Nuno Vasco

No Rio e na Central

O nosso companheiro José Romero embarca amanhã para proceder a cobrança das assignaturas da linha Central e do Rio.

Os amigos da Lanterna de todas as cidades da Central e da capital da Republica prestar-lhe-ão um auxilio contribuindo para que essa viagem seja o mais rapida possível, pois dentro de breves dias terá de ser iniciada a cobrança da linha Mogyana.

Um faustino... anticlerical

Os nossos leitores devem estar lembrados de um facto escandaloso noticiado pelos jornaes e de que foi protagonista um anticlerical conhecido e em tempos director de um rico diario anticlerical de Paris.

Como esperavamos, os clericais serviram-se delle com a ancia do naufrago que se agarra á taboa salvadora.

As folhunculas de sacristia daqui puzeram-se a berrar como doidas, procurando confundir-nos e prejudicar-nos perante o publico.

Para demonstrar a essa canalha que não tememos a verdade, aqui relatamos o caso:

Em 11 de janeiro, Victor Flachon, ex-director de La Lanterne, de Paris, foi condemnado a um anno de prisão e 500 francos de multa pelo crime de corrupção de menores.

Eis alguns dos considerandos da sentença:

«Considerando que foi estabelecido que Flachon pagava directa ou indirectamente ás proximas para estas lhe entregarem raparigas menores, que elle fazia servir habitualmente para os seus prazeres e assistir igualmente ao espectáculo dos seus amores com Georgette Véron (sua amante);

«Que, como elle aliás o reconhece, empregou varias vezes, em actos de devassidão, Georgina Erni, de 13 annos; Maria Luiza Leclerc, de 14 annos, Bridard, de 16 annos, e Marcela George, menor de 21 annos;

«Que teve não só relações com Georgina Erni e Maria Luiza Leclerc, e em presença de sua amante, no seu aposento da rua Baudin, mas em Boulouris, para onde levava essas menores em julho e novembro de 1911;

«Que para com cada uma dessas menores que tomaram parte em scenas de devassidão, Flachon desempenhou successivamente o papel de agente de corrupção e por consequencia contribuiu para augmentar o seu grau de depravação e de desmoralização.»

(Este considerando refere-se ao facto de estarem já corrompidas, antes de conhecerem Flachon, as quatro menores acima referidas).

Naturalmente, este homem não tinha feito voto de castidade e não fingia considerar como sagrada e digna de guarda essa virtude antinatural, e o que elle censurava aos padres era sem duvida esse voto hypocrita e absurdo. Nem elle decerto suppunha que os padres são, como homens, peores do que os outros, que os leigos não são feitos da mesma carne fraca e miseravel...

Apenas dizia, como nós dizemos, que os padres são precisamente como os demais homens, sujeitos ás mesmas necessidades e ás mesmas determinações e que, longe de os livrar de fraquezas o «sagrado» do seu ministerio, a sua abstinencia, o seu insulamento, as suas exacerbações mysticas, o contacto com menores em quartéis collegios, facilitam as quedas...

E depois de tudo ha a circumstancia attenuante, allegada por Flachon, da corrupção anterior das menores de que se serviu.

Todavia, este homem não tinha sufficiente autoridade moral para verberar as immoralidades clericais — e a superioridade anticlerical dos livres-pensadores sobre os clericais está em não encobrirem, como estes, por solidariedade de mercadores, as vergonhas e infamias dos correligionarios.

E dessa independencia tem a Lanterna dado sobejas provas. Não nos solidarizamos com criminosos, embora tenham sustentado a mesma luta que nós.

Os inconsequentes, os immoraes não têm lugar nas nossas fileiras.

Nós os arredamos para bem longe e temos a necessaria independencia para aponta-los ao desprezo publico.

Vós, sim, ó postulas sociaes, é pue defendeis os satyros, os immoraes, os criminosos que abundam no vosso seio.

Exemplos? Temo-los aos milhares.

Quando um padre commette um crime e é denunciado ao publico, vós todos, como um só corpo, vos collocas ao seu lado, declarando-vos com elle solidario.

Haja vista o caso Idalina. Toda a cleroaninha se collocou á fre-

te dos padres criminosos, defendendo-os com furia.

Nós não temos nada de commum com criminosos.

Esse Flachon devasso pertence vos, é no vosso meio o seu lugar. Esse typo repellente é filho do meio podre em que vive, faz parte da classe decadente e gasta que defendeis.

Nós pertencemos ao povo, ao povo maltrapilho de onde são arrancadas as pobres crianças para as vossas devassidões.

Esse Flachon é vosso. Nós o denunciavamos ao povo.

E ahí está a devida resposta á Gazeta do Povo e á uma Estrella Polar que se publica em Diamantina e que está defendendo o immundo satyro de S. Sebastião dos Correntes, o celebre padre Pedro Gomes Heredia.

Está no seu papel...

Biblia vermelha

Muita virtude é na verdade preciso ter para não ser devoto. Pois que! A devoção abre todas as portas deste mundo, e a do céu ainda por cima.

Sinto verdadeira tentação de crer na graça. Sim, é necessario um favor muito particular do céu para aceitar os dogmas, os mysterios e outras tolices! E' preciso que Deus se intrometta nisso, porque o homem sózinho não o conseguiria. Não se tem direito algum de nos querer mal por isso, pois nós, os livres pensadores, não somos iluminados pela luz divina. Não é natural que, entregues a nós proprios, nos revoltemos contra o absurdo?

Luiza Ackermann.

Para muita gente, basta que uma coisa tenha «durado» para ser considerada viavel e digna de credito. Assim como a sua vista se afeta a uma moda inepta, assim o seu espirito se acclimatou muito bem a certas concepções estupidas, e assim como lhe pareceria bizarro abandonar o chapéu grotesco com que se cobre por outro mais esthetico, assim não se lembraria de sacudir o jugo de algumas velhas rotinas para se render a ideias novas e mais bem adaptadas. Se essa gente vos perguntar o «porquê» de certa instituição, respondei-lhe apenas que «as coisas se passam daquella forma porque sempre assim se passaram» e este argumento ridiculo parecer-lhe-dá mais convincente do que todas as razões que poderíeis invocar.

G. Dromard.

HOSTIAS AMARGAS

ROMA, 19 — O correspondente da Triuma telegrapha de Tripoli dizendo que o caso ultimamente all occorrido do baptismo imposto a uma criança arabe causara geralmente pessima impressão e que o commando superior havia dado ordens terminantes no sentido de evitar a repetição de semelhante abuso dos padres. As instrucções expedidas recommendavam todo o acatamento ao credo religioso dos indigenas, de conformidade com as declarações do governo italiano.

Eis ahí a missão do elemento clerical na guerra turco-italiana.

Não contentes com insufflarem o governo da Italia contra os pobres musulmanos da Tripolitania e da Cyrinaica, dando um falso aspecto de obra de civilização a uma aggressão injusta, que é uma offensa irrogada á consciencia pacifica da humanidade, os padres, ainda por cima, commettam a infamia de obrigar fracas e indefesas crianças a renegar a religião dos seus pais, submettendo-as ás ridiculas, repugnantes e anti-hygienicas cerimoniaes do baptismo catholico.

E, no entanto, não ha negar: sob o ponto de vista scientifico, é mil vezes mais util a um menino a pratica da circumcissão que Mahomet adoptara no seu Alcorão do que a infusão sobre a sua cabeça de certa quantidade de uma agua saturada de todos os microbios pathogenicos e a unção feita nas suas narinas e nas suas orelhas com uma scliva immunda, acompanhada da palavra cabalistica — Ephpheta...

Dizem os pseudo-ministros de Christo que sem o baptismo ninguém entra no reino dos céus. E' naturalmente com o empenho de abrir de par em par as portas do paraíso ás crianças arabes que os padres italianos andam por lá a baptisa-los á força.

Mas ha uma cousa que elles deviam tomar em consideração: é que tambem os musulmanos têm o seu paraíso incomparavelmente mais bello, mais poetico e mais atrahente do que o dos christãos, onde as almas ficam beatificadas numa contemplação sempiterna e tediosa da divindade. O eden de Mahomet é povoado de formosas Anis, ás quaes incumbe proporcionar todos os gozos ás almas eleitas.

Ora, assim sendo, com que direito querem os padres que os filhos do Crescente troquem pelo de Jehovah o seu paraíso, que lhes offerece uma bemaventurança cheia de encantos que no outro são completamente desconhecidos?

Elles dirão que agem ad majorem Dei gloriam, arrebanhando adeptos, fazendo violentamente proselytos, para a seita papista.

Hypocritas! Confessai, sem ambages, que, como bem o disse o insigne educador da mocidade dr. Abilio Cesar Borges, vós apenas e não sómente trabalhai ad majorem mei gloriam...

ROMA, 22 — A rainha Helena foi convidada para ser a madrinha da princesa alemã recém-nascida, filha do Kronprinz. O convite foi feito pelo proprio herdeiro do throno allemão.

E lá se vai para Berlim, afim de ser madrinha de um neto do poderoso Kaiser, a rainha Helena da Italia.

Sempre desejavamos, porém, uma explicação.

Com o espirito de tolerancia que lhe é peculiar, a Igreja estabelece que todo o crente que funcionar em um acto publico de outro qualquer culto, fica excommungado.

Sabido como é que toda a familia imperial da Alemanha é protestante, temos que a rainha Helena, catholica que se fez, quando foi de seu casamento com o actual soberano da Italia, terá de paronymphar uma criança, á qual vai ser administrado o baptismo segundo o rito duma seita protestante.

Terá a rainha da Italia de, por esse facto, arcar com mais excommunhão, alem daquella de que já participa como membro que é da casa de Saboya?

Talvez não, porque si a Igreja se mostra intransigente ao ultimo ponto com os fracos e com os humildes, em se tratando dos grandes e dos poderosos ella está sempre disposta a provar e a demonstrar que il y a des accommodations avec le ciel...

Ignoto.

Vida operaria

EM S. PAULO

Os padeiros — Teve lugar no sabado á noite a annunciada reunião de padeiros e serventes que trabalham por dia.

Foram tomadas diversas deliberações sobre a installação definitiva da associação da classe e os melhores meios de trazer para o seu seio os que ainda não estão a ella afilhados.

EM RIO PRETO

Comho ha pouco tempo noticiamos em correspondencia, fundou-se em S. José do Rio Preto, neste Estado, a Liga Operaria Internacional, que tem por fim a defesa dos interesses economicos e moraes da classe trabalhadora da zona a que aquella cidade pertence.

A sua fundação foi recebida com enthusiasmo, sendo já avultado o numero de seus associados. Essa util associação, que já tem os seus estatutos approvados e a sua commissão administrativa em funcção, deseja entrar em relações de solidariedade com as suas congeres do Brasil.

EM RIBEIRÃO PRETO

Os padeiros — A sacrificada classe dos trabalhadores em padarias desta cidade está fazendo uma agitação contra o brutal trabalho nocturno.

Em publicações feitas num diario local, os padeiros têm demonstrado os males que lhes occorrem o serviço da noite sem que com elle seja beneficiado o publico.

Nessas mesmas publicações mostram elles que o fabrico do pão poderá ser feito de dia, ganhando ainda os consumidores com isso.

Prestavamos todo o nosso apoio a tão justa reclamação.

EM E. S. DO PINHAL

A Liga Operaria desta cidade parece entrar agora em um periodo de actividade.

A sua sede é agora bastante frequentada, discutindo-se já com interesse sobre a conquista da jornada de 8 horas.

Já entrou em funcção a nova commissão administrativa.

Aos nossos assignantes

Afim de nos poupar um grande trabalho, pedimos aos nossos assignantes que transfiram de residência, nos communicando a primitiva residencia.

Um bom premio da "Lanterna"

Tambem a LANTERNA vai distribuir um bom premio aos seus assignantes.

A começar desta data e até fevereiro proximo vindouro, todos os assignantes que nos mandarem pagar, directamente á nossa redacção ou por meio de vale postal ou carta registada, a importancia de uma assignatura annual do nosso jornal, receberão um premio pela volta do Correio. Este premio poderá ser escolhido dentre as seguintes collecções de livros e folhetos:

- *Breviario* livro de versos lyricos de Raymundo Reis, a sair neste mez . 2\$000
Jesus Christo nunca existiu, de Emilio Bossi (Milesbo) 800
Evangelho da Hora, de Paulo Bertheloth 200
La "Educação e pelo trabalho", de Adelino de Pinho 200
Catocismo Atheu, de Brito Bethencourt . . . 200
Noções de Sociologia, de José Lopes Montenegro 100
1\$500
Electra, drama em 5 actos, de B. Peres Galdos, de Catocismo Atheu, de Brito Bethencourt . . . 200
Pela "Educação e pelo trabalho", de Adelino de Pinho 200
Noções de Sociologia, de José Lopez Montenegro 100
1\$500
Angelo Longaretti, o il delitto sociale (romanzo di una Donna), cuja importancia distincta-se á Escola Moderna . . . 1\$500
Poema Transcendente, do professor Saturnino Barbosa, vendido em beneficio da Escola Moderna 1\$000
Pela "Educação e pelo trabalho", de Adelino de Pinho 200
Catocismo Atheu, de Brito Bethencourt . . . 200
Noções de Sociologia, de José Lopes Montenegro 100
1\$500
Uma collecção de folhetos em hespanhol da lista da Bibliotheca dos Apostolado de la Verdad, annunciado em outro lugar . 1\$600
Uma collecção dos folhetos em francez annunciados na lista da nossa bibliotheca, na importancia de 1\$500
Um retrato de José Nakens, director de El Motin . 1\$500
Como os nossos assignantes viem, os premios que offerecemos attingem á importancia de 1\$500 e alguns a mais, que, com o porte e o registo do Correio, chega a 2\$000.

O "BREVARIO"

Não foi possivel á typographia dos srs. Pocal & Weiss entregar no prazo marcado, 31 de janeiro, o livro de Raymundo Reis, que confectou. Determinou essa irregularidade o facto de haver ella perdido alguns dias com a mudança de suas officinas para a rua de S. João, são e, como é sabido, não poder fazer um livro de versos, que sequer mais cuidado de confecção, com a mesma presteza com que faz um jornal ou um folheto qualquer.

Os nossos leitores, que aguardam o BREVARIO, que desculpem mais essa demora, que todavia vem concorrer para que o livro de Raymundo Reis mais lhes agrade.

Pessoas que subscreverem na lista de assignaturas em favor do Breviario (Lista a cargo do sr. Olympio Moreira, Taboleiro Grande, Minas):

- Annibal Mascarenha, João Hildefonso, Manoel J. Ribeiro, Cel. José Jorge Mascarenha, Laudonio de A. Guimarães, Bernardo P. Mascarenha, José C. Diniz, Mario de Mascarenha, Rondonolpho Canabrava, José Theodoro, Affonso Braga, José Antonio da Silva, João M. de Freitas, Quintino Moreira da Silva, Christiano Corrêa, Domingos M. da Silva, Argenio F. de Menezes, Joaquim M. Netto, Alvaro M. da Silva, José Mauricio Simões, dr. Ulysses Mascarenha, Josias Mascarenha, Ernesto Octaviano, Aureliano Silveira, João Andrade, Jorge Mascarenha, dr. Francisco Garvalho, José A. da Silva, Francisco de A. Guimarães, Olympio Moreira.

(Continua.)



Pequenos ecos

Silvio Bianchi - Fomos domingo á tarde brutalmente feridos com a noticia da morte desastrosa desse nosso pequenino amigo. Tendo ido benhar-se em um rio do Cambucy, lá perdeu a vida que apenas começava a desabrochar.

NUCLEOS DA VANGUARDA

Grupo Dramatico 13 de Outubro - Composto por um nucleo de bons companheiros de luta, está sendo organizada no Rio uma sociedade com este titulo e que se dedicará ao desenvolvimento da propaganda antiericlerical e libertaria por meio de representações, conferencias, excursões, festas, etc.

FOLHETIM DA LANTERNA

(35) JOSÉ RIZAL Noli me tangere (O Paiz dos frades) Romance integral de 1886

XXVII A CATASTROPHE

teve então sensações inefáveis. Atravessou mares de esmeralda e contemplou do tombadilho do vapor paizes de sonho. Experimentou então a impressão dulcíssima do passarinho que pela vez primeira estendeu as asas e se perde no ar azul.

Bilhetes e Recados

Palmeiras - A. Agottani: Por intermédio da Bataille, recebemos os 10\$ de sua assignatura. Remetemos o premio. Saudações. Bo Vista das Pedras - A. Orlando: Não ha aqui nenhum dos livros que deseja. Saudações. Rio - J. Gonzalez: Recebemos os 20\$. Sobre o mais conversará com o Romero ahi.

NO RIO

Grupo Dramatico 13 de Outubro - Composto por um nucleo de bons companheiros de luta, está sendo organizada no Rio uma sociedade com este titulo e que se dedicará ao desenvolvimento da propaganda antiericlerical e libertaria por meio de representações, conferencias, excursões, festas, etc.

LA BATAILLE SYNDICALISTE

Diario redigido por militantes da Confederação Geral de Trabalho 10, BOULEVARD MAGENTA, PARIS - X Ano 31 francos 6 mezes 18.50 3 mezes 9.25

Evangelho da Hora

que se destaca fortemente, pela sua originalidade, pela sua belleza litteraria, pela simplicidade do seu estilo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens. E, não uma parodia, que poderia cair no ridiculo, mas uma sentida, uma empolgante, uma commovedora paraphrase do Evangelho, em que os versiculos são phrases lapidarias e profundas, em que as parabolias fulguram com intenso e crystallino brilho.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias: Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Belles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

FRANCISCO FERRER

Esplendida revista racionalista illustrada, de Buenos Aires. Vende-se, a 300 réis o exemplar, em nossa redacção e na agencia de jornais da rua 15 de Novembro, 37.

Catecismo atheu

Excelente folheto, contendo 32 paginas de propaganda antiericlerical, escrito em linguagem simples e em forma de dialogo, por Brito Bethencourt. Custa 200 réis cada exemplar.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se A Lanterna a 200 réis o numero avulso

Libres Penseurs qui lisez le français, abonnez-vous à LA LIBRE PENSÉE

Revue internationale hebdomadaire paraissant dès le 1er juillet 1911 à Lausanne (Suisse) et Evian (France) De nombreux écrivains de France, de Suisse et autres pays ont déjà promis leur collaboration, parmi lesquels: MM. Auguste Didé, Dr. A. Forel, N. Simon, Gustave Hubbard, Sébastien Faure, Dr. O. Karmin, Herriot, maire de Lyon, A. Thalams, etc.

«El Motin»

Este excelente periódico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Nakens e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado, está á venda á rua do Gazometro, 115, a 200 réis o exemplar.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos: CAFÉ CRITERIUM, largo do Rio; Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucaia (engraxe); Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxe); RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauris.

Fabrica de Fumos «Braz»

FUNDADA EM 1887 Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado Pereira & Comp. Avenida Rangel Pestana, 66 - S. Paulo

Bibliotheca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis; fóra o porte e registro do Correio: Primeira série, já publicada: La Lujuria del Clero, segun los concilios. El Diablo, por Roberto Robert. Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prafa e ouro. Progressivamente estão se espalhando por este vasto pais; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que attestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante RAPHAEL STAMATO

Novo postal

Um companheiro mandou vir e entregou-nos para serem vendidos em beneficio da Escola Moderna, algumas dezenas do bello postal Montjuich, reprodução do extraordinario quadro de Firmin Sagristá - Ultima visão.

BIBLIOTHECA DA «LANTERNA»

EM PORTUGUEZ M. Gorki, O amassadeiro \$200 A de Pinho, Pila Educaçao e pelo Trabalho \$200 H. Malatesta, Programma socialista anarquista-revolucionario \$100 Pedro Kropotkin, O Communismo \$100 Prof. Saturnino Barbosa, Poema Transcendente \$1000 B. Peres Galdós, Electra, (drama antiericlerical em 5 actos) \$1000 Mezza Botta, O Papa Negro \$200 Jesus Christo nunca existiu, Bossi, Religio e Evoluçao, E. Haeckel \$1500 Sociologia Fundamental, Benteo \$5000 Dbr Universal, Faure \$1500 Brito Bethencourt, Catecismo Atheu \$200

Só podemos attender os pedidos que venham aconpanhados da respectiva importancia.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educaçao racionalista e no reverso uma bella legenda. São vendidas ao preço de 1\$000 pagando mais 200 registrada pelo correio.

a descobrir o segredo. Na Europa já não havia preocupações, nem creanças, nem puzes de sangue, nem distincção de linhagens. Só se adorava um deus e este era o bezerro de ouro. As considerações e respeito que tributavam não eram para elle, mas para o seu dinheiro. Em todo caso sentia-se lisonjeado e considerava-se feliz muitas vezes vendo que por um punhado de moedas era humildemente servido pelos brancos tão orgulhosos e despoticos nos países conquistados. Mas á medida que decorria o tempo mudava de pensar e experimentava uma piedade immensa pelos pobres povos europeus nos quaes, apesar dos progressos realizados, existia ainda a escravidão. E ao ver as multitudes famelicis e sujas que viviam amontoadas nos subúrbios das cidades e se agglomeravam ás portas dos asylos e dos quartéis em demanda de um prato de sobras repugnantes; e os camponeses de face bestial, com o cerebro duro como os torrões que elles cavavam desde tempos seculares, e os bandos de operários que, em troca de irrisorio salario, trepavam aos andaimos, tostavam-se nas forjas e consumiam-se nas minas, pensava que os indios filippinos eram mais felizes, porque nunca lhes faltavam um prato de arroz e frutas das arvores para se alimentarem.

vos. De pouco lhe servira a sua egotistica conducta. Os seus implacaveis inimigos, os que tinham assassinado o autor dos seus dias e nem sequer lhe haviam respeitado as sintras, agora, em paga do seu generoso procedimento, assistavam-lhe um terrivel golpe para promover definitivamente a sua ruina. Não era difficil prognosticar a sua sorte. Esperavam-no o carcere, a deshonra e o desprezo de todos. O sinistro plano que Elias acabava de lhe revelar estava habilmente urdido, e produziria os effeitos que seus autores desejavam. Ante esta villania, ante este novo attentado contra a sua ventura, sentia um desespero illimitado. Pareciam ter-se esgotado de repente todas as suas energias. Era destinado a morrer! Era a fatalidade que desde o berço o perseguia! Era a triste sorte dos seus antepassados! A sorte do avô enforcado num ramo do baobab, no meio do bosque! A sorte do pai, exhalando o ultimo suspiro em obscuro calabouço! Não queria lutar mais! Que os implacaveis inimigos da sua familia terminassem a obra!

Três guardas o agarraram logo. — Está preso em nome do Rei! — disse o sargento. — Porquê? — Logo lhe dirão. O moço reflectiu um momento, e não querendo talvez que os soldados descobrissem os seus preparativos de fuga, tomou o chapéu e disse: — Estou á sua disposição! — Se o senhor promette não fugir, não o manjatearemos; o altores concede-lhe este favor; mas se revela a menor intenção de fuga, fazemos-lhe saltar os miolos. Elias, que andava a rondar pela aldeia affim de obter noticias e pelas vizinhanças da casa de Ibarra, vendo o sair, levado pelos guardas, saltou a cerca, trepou pela janella e penetrou no gabinete. Elias viu os papéis, os livros, as armas e os saquinhos contendo o dinheiro e as joias. Reconstituiu na imaginação o que ali se passara e vendo tãntos que podiam ser compromettedores pensou em os levar para os enterrar. Lançou um olhar ao jardim e á luz da lua viu reluzir as baionetas e capacetes de dois guardas civis que se dirigiam para a casa. Tomou então uma resolução: amontou roupas e papéis no meio do gabinete, esvaziou-lhes em cima um lampião de petróleo e pegou-lhes fogo. Cingiu precipitadamente as armas, agarrou nos dois sacos de valores e saltou pela janella. Era tempo; os guardas civis penetravam na casa. Distribuiram algumas caronhadas pelos criados e subiram as escadas. Mas não puderam entrar nos aposentos, donde saía uma espessa fumaçada e grandes linguas de fogo que lambiam portas e janellas. — Fogo! fogo! — gritaram todos; e a sua primeira intenção foi apagar o incendio. Mas bem depressa se convenceram da sua impotencia e só pensaram em escapar. Ibarra era aticando aos estudos chimicos e tinha um pequeno laboratorio. Quando a elle chegaram as chamas, souu um estampido formidavel que acabou de atarrar os pobres habitantes de San Diego.

O velho edificio, tanto tempo respeitudo pelos elementos, estava convertido numa espantosa fogueira. Crepitavam as madeiras e aluam os tectos. No sitio onde se achava o laboratorio erguiam-se labaredas verdes e azues. Sobre a immensa columna de chamas via-se um bando de brancas pombas, que fugiam assustadas. Os criados indios, de côcoras e mascando buyo, contemplavam tranquillamente a obra destruidora do fogo. Os guardas seguiram-lhes o exemplo, sentando-se tambem. Aquelles rostos amarelos não exprimiam alegria nem pesar. Pareciam os mysteriosos sacerdotes do elemento sagrado e purificador. No céu brilhava a lua, cujos pallidos raios pareciam mais brancos no lado dos avermelhados clarões do incendio. Reinava um silencio solenne. A revoadas de candidas pombas pousara no alto dum coqueiro, talvez para contemplar tambem a destruição do velho edificio que costumavam engalnar com uma orla de pennas ricadas e pés cor de rosa. A aldeia de San Diego sumirase de novo no repouso. Os sinus do convento tinham cessado de tocar a rebate e a alta torre assemblava-se um mudo phantasma, apaciado pela luz da lua. Apenas se ouvia de vez em quando o lugubre latido dum cão. Do lado do bosque vinham mil ruidos confusos que pareciam augmentar o majestoso silencio da noite. Eram zunidos de insectos, silvos de serpentes e espreguicamentos de asas. Os indios continuavam a contemplar impassiveis o devastador incendio. Da aldeia nenhum auxilio chegava tamponco e as chamas, coroadas de inquietas chispas e pennachos de fumo, pouco tinham que consumir na vasta habitação. Cantou um gallo e logo lhe replicou uma algaravia infernal. Das casas, das arvores e do bosque, elevou-se nos ares um assaeteo sem fim. Começaram a empallidecer as estrellas e o céu a tornar-se transparente. No ponto antes occupado pela

casa restava unicamente um montão de rescaldo. Os criados continuavam como que petrificados em extase contemplativo. — Lá se foi tudo! Acabou-se! — murmurou um delles, levantando-se. Os outros limitaram-no e dirigiram-se para a povoação, talvez para pedir noticias do seu amo. Outro incendio começava então a inflamar o céu e a abrassar a terra. Rompéra o sol!!! XXVIII VAE VICTIS! Acabava de amanhecer. A rua, onde estavam o quartel e o tribunal, continuava deserta e silenciosa. Entretanto, pouco a pouco se foram abrindo com cautela algumas janellas, assomando a ellas caras curiosas. Um quarto de hora depois, estava a rua animadissima. Primeiro saíram das casas os cães, as galinhas e os porcos; a estes animaes seguiram-se alguns rapaziños, que de braço dado se foram reciosamente aproximando do quartel; depois algumas velhas com o lenço estado sob o queixo e um rosario na mão, fingindo rezar para que se deixassem passar os soldados. Quando se viu que se podia andar pela rua sem receber um tiro, começaram a sair os homens apparentando indifferença. Ao principio limitaram-se a dar curtos passeios diante de casa, acariando o gallo. Depois foram-se atastando até ao tribunal. Circulavam diferentes versões sobre os successos da noite. Uma dellas era que Ibarra, com seus criados, quisera raptar Maria Clara, que fóra deamida pelo capitão Tiago, auxiliado pela guarda civil. Houvera trinta mortos, e o capitão Tiago, que estava tambem ferido retirava-se precipitadamente para Manila com a familia. A este e mais, a variação era já clara e pormenorizada. — Venho do tribunal, onde vi preso o sr. Chrysostomo — dizia um homem no meio dum grupo de